

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 23 DE OUTUBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 93.

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo I	
Valentim Magalhães....	F. D'ALMEIDA.
Historia dos sete dias....	FILINDAL.
Politica e politicos.....	TOB.
Carta a Emygdio Montei-	
ro sobre A Velhice do Pa-	
dre Eterno.....	V. MAGALHÃES.
Anacreonte, soneto.....	W. DE QUEIROZ.
Notas bibliographicas....	V. M.
Jornaes e revistas.....	S.
Hyacintho, poesia.....	R. OCTAVIO.
A vida elegante.....	LORGNON.
Theatros.....	P. TALMA.
Parnazo alegre, Dorothea..	M. DA HORTA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Collaboração, As estrelas.	A. DE A.
Emfim! soneto.....	T. DE FARIA.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Sr. M. G. M. Dantas. — Rio Grande do Norte. O seu pedido pôde ser satisfeito, mediante a quantia de 6000 rs.

Receberá um exemplar dos **Vinte Contos** quem tomar uma assignatura d'A Semana por um anno, em qualquer dos seguintes logares:

Rua do Carmo, 36
Livraria Faro & Nunes,
Livraria Laemmert,
Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 1
Charutaria do Café Brazil (com o Sr. Bittencourt).
Café Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara.
Typographia Central, Trav. do Ouvidor, 7.
Fonseca Braga & Filho, rua do Ouvidor, esquina da da Quitanda.
Charutaria do ponto dos bonds de Villa Izabel, e
Filial da Casa editora David Corazzi, rua da Quitanda, 38.
Casa Dolivaes Nunes, em S. Paulo.

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

I

VALENTIM MAGALHÃES

Eu deveria começar este artigo dizendo que elle é um genio; mas como calculo que elle tenha de dar esse mesmo qualificativo a alguém, deixo de lh'o dar a elle.

Espalhou-se nas vinte provincias do Imperio que elle nascera na villa viçosa do Rio Bonito. Quando o Rio Bonito e as Saquaremas circunjacentes souberam d'isto começaram a disputar entre si a honra do nascimento do grande homem. Este caso lembra caso identico succedido posthumamente a um fuão Homero, um mendigo cego, que deixou aos evos seguintes provindouros o mais opulento thezouro de riquezas e deluz que o ingenho humano tem produzido: *A Illiada*.

Sete cidades gregas avocaram a immortalidade do berço de Homero; sete villas disputam ainda a paternidade de Valentim Magalhães. Esta coincidência biographica dos dois poetas havia de ligal-os na tradição dos posterios talvez muito mais do que se pense, se eu não viesse de antemão decidir as duvidas da Historia.

Valentim Magalhães não nasceu em nenhuma das villas da provincia do Rio. Nasceu aqui mesmo na capital, na casa da rua do Conde d'Eu n. 18, casa que ainda não tem uma placa commemorativa do acontecimento—porque neste bello e ridentissimo paiz não ha justiça coeva para os escriptores e para os artistas.

Ha tambem muitas duvilas ácerca da sua idade. Querem uns que elle tenha quinze annos, outros que tenha doze, e ainda outros e outros que affirmam ter elle dezoito, dezenove, vinte.

Estão todos enganados. A criança tem vinte e oito annos: nasceu a 16 de Janeiro de 1859. (*)

Completo a parte biographica do meu artigo com dizer que elle é advogado, formado na Faculdade de Direito de S. Paulo em 21 de Novembro de 1881, que é professor emerito de pedagogia na Escola Normal, que é casado e que tem um filho de cinco annos, que é uma das mais encantadoras crianças que o mundo tem visto.

O escriptor e o poeta dispensavam bem o meu elogio, se eu não fosse insuspeito para fazer-lh'o por ser o seu

(*) Se alguém o quizer presentear nesse faustoso dia, pôde dirigir-se á redacção d'A Semana, rua do Carmo 36. Anno 88—premio 20 contos.



mais intimo amigo e mais constante companheiro de trabalho.

Valentim Magalhães é um escriptor operoso e infatigavel. Trabalha sempre.

Como jornalista tem todas as grandes aptidões do officio, menos uma: a falta de sinceridade. A parte este defeito, tudo mais são qualidades: Vê bem e vê rapido; o seu espirito assimila e digere promptamente o acontecimento, de qualquer ordem que seja, e a deducção é immediata e é nitida. Tem um alto criterio social para o discernimento dos factos e dos successos; d'ahi a incisão, a concisão, a clareza limpida dos seus artigos e a justeza dos seus conceitos.

Escriptor maginoso, fluentissimo, dispondo de uma pasmosa ductilidade de estylo, adapta soberbamente a linguagem ao assumpto. Assim, parece não ter estylo proprio, accentualmente individual—mas tem-no. Isso conhece-se nos assumptos indeterminados e vagos e nos artigos de jornal. Quando phantasia, ou quando narra, o seu estylo é o estylo do seu caso, o estylo da sua obra do momento. Sentimental e dolorido, mas nobremente sentimental e altivamente dolorido, quando descreve desgraças ou dores; brilhante, faceto, espirituoso, satirante—quando o assumpto é comico ou

alegre; burlesco, exquisito, incoherente, coercível, — quando o assumpto é disparatado, quando é *charge*.

Para comprovar isto basta ler-se os *Quadros e Contos*, publicados em 82, e os *Vinte Contos*, publicados agora.

A sua prosa é sempre bella, sempre diamantina, sempre correcta e sempre original.

De um grande e intenso poder assimilador, elle medita pouco sobre o seu trabalho e o seu trabalho sae-lhe sempre perfeito. Finissimo e habilissimo observador, o seu olhar mergulha intrepidamente, sem scaphandro, a todos os pegos, a todos os abysmos da alma, e traz sempre á tona um sentimento, alvo ou negro, grande ou pequeno, que haja por lá e que elle escrupulosamente passa a estender sobre o papel, como quem desenrolasse uma peça de velludo ou de estameña. E onde não pode ir elle mesmo, vae a sua audacia. Imagina o que não vê, adivinha o que não conhece. E' o supremo e raro poder da intuição.

Honestissimo, sincero, intemerato, mas corajoso e audaz, a sua penna purifica-a nas suas bellas qualidades moraes e nos seus sentimentos antes de imbebel-a no veneno da tinta para a polemica ou para a satyra.

Sabe bem d'isto quem leu a preciosa colleção de artigos que, sob o titulo geral de *Notas á margem* publicou diariamente, durante anno e meio, na *Gazeta de Noticias*.

E', pois, um prosador distinctissimo, original e abundante como poucos tem tido o Brazil e como não ha muitos em Portugal.

Poeta, conheo-o mettido nesta calamidade quando, em 1879, fui pela vez primeira a S. Paulo. Elle fazia então o seu terceiro anno de Direito e tinha no prelo o volume dos *Cantos e Lutas*, livro ainda muito abeberado de *idéia nova*, de edeias modernos, do arsenal revolucionario de Junqueiro; mas correcto, inspirado, altivo, bem assoprado de liberdade e de justiça. Este livro fez-me escrever as primeiras tolices criticas com que barbarisei a *Gazeta da Noite* d'aquellas eras.

Nos intervallos da revisão dos *Cantos e Lutas*, acabava elle *A Vida de seu Juca*, parodia que, com o mano Henrique — outro demonio de talento original, brilhante, exquisito e complicado como um cipal de oiro fulvo — resolvera fazer á *Morte de D. João* do Junqueiro, que estava então no declinio da poderosissima influencia que exercera na poesia dos dois paizes portuguezes. Vi no seu quarto de estudante pobre esse hilariante kaleidoscopo de facecias e de disparates rimados.

A' parodia succedeu um poemeto delicioso, unido de sentimento purissimo, vivido na tristeza de uma desgraça de pessoa intima, adoravel de verdade, de observação e de poesia — *Colombo e Nêê*.

Depois d'isso tem escripto magnificos versos que dariam dois ou tres volumes; mas os raros edictores nacionaes têm horror á poesia e os volumes não se imprimem.

Muita gente pergunta — e eu mesmo já me tenho interrogado — por qual razão os versos de Valentim Magalhães, na sua maior parte, agradam um pouco menos do que a sua prosa. A questão é difficil de decidir. Supponho que seja por haver nelles menos expontaneidade e mais tortura artistica. Os versos d'elle são inspirados, correctissimos, melodiosos; mas não têm, talvez, a mesma intensidade de brilho, o mesmo

refrangente fulgor da prosa. Todavia, ainda ha pouco tempo, no concurso aberto pela *Semana* para um soneto a Victor Hugo, obtive o soneto d'elle o primeiro logar entre os dos nossos mais distinctos poetas. Isto, comquanto não queira absolutamente dizer que seja elle o primeiro poeta do Brazil, prova, em todo caso, que elle é dos primeiros, e que entre elles pôde algumas vezes ser o vencedor.

Por enquanto calo-me.

Se não disse tudo o que d'elle tinha a dizer, disse, entretanto, o bastante para cumprir o meu triplice dever de admirador, de amigo e de companheiro.

FILINTO D' ALMEIDA.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O que é certo é que os sete dias não tiveram historia. Não ha duvida que foram infamemente roubados alguns queijos inermes; que o capoeira *Atacafudo* deu duas ou tres navalhadas no seu collega *Arranca-bofes*; que a preta Maria engalfinhou-se com a preta Custodia; que José de tal embriagou-se e descompoz o rondante, etc., etc. Mas isto é a historia de todos os dias, são as locaes que as folhas diarias já vão despresando.

Vae ser hoje julgada Francisca de Castro, a barbara e deshumana senhora das pretas Joanna e Eduarda. O processo estará entregue aos juizes na hora em que o leitor se deliciar com esta semsaboria. Não temos que dizer por enquanto. Devemos esperar a sentença do honrado tribunal popular.

Mas vem a proposito fazer aqui algumas considerações a respeito do edificio da Camara Municipal, onde tambem funciona o tribunal do Jury. Não são reflexões christans as que vamos fazer, nem mesmo talvez sejam reflexões. Consignamos uma vergonha e basta.

O tribunal do Jury não pode funcionar hoje na sala das suas sessões, no edificio feito de proposito para esse fim ha dois annos ou tres, porque esse edificio não offerece condições de segurança para uma grande agglomeração de povo!

Sei que o leitor ingenuo não me acredita, mas é o mesmo: eu posso, felizmente, documentar a minha affirmativa. Tenho aqui para isso, no *Jornal do Commercio* de hontem, uma carta do Sr. ministro da justiça ao Sr. commendador J. J. Martins de Pinho, em que positivamente se consigna o facto:

« Não offerecendo a sala, em que actualmente funciona o tribunal do jury, a necessaria segurança para, sem risco de um desastre, proceder-se ao julgamento da ré Francisca da Silva Castro Magalhães, que notoriamente deverá atrahir numerosa concurrencia, tornando-se assim difficil evitar conflictos, que pôdem resultar do facto de só ser admittido limitado numero de espectadores, peço a V. S. como mui digno presidente do Lyceu Litterario Portuguez, o especial favor de ceder um dos salões do mesmo Lyceu para ahi ter logar o referido julgamento.»

Ora ahi está: E' o proprio ministro da Justiça quem pede emprestado um edificio particular, para nelle funcionar o tribunal do Jury, que tem um proprio!

Mas, senhores administradores d'este paiz! onde diabo está o architetto que

construiu aquella gaiola? Pois o inepto não poderá ser responsabilizado por ter empregado manteiga em vez de cimento, goiabada em vez de pedra, angû em vez de madeira, fios d'ovos em vez de ferro na construção d'aquolle monstruoso edificio?!

Ou estaremos nós sendo injustos, e tel-ó-ia o Governo convencido de que o projectado casarão, não era para a camara municipal nem para o Jury, mas unicamente para residencia do sabiá canoro que no tempo de Gonçalves Dias usava cantar nas palmeiras?

Se o homem foi convencido de que o edificio era para o referido sabiá, então a coisa está optima e o feliz passarolo pode saltitar á vontade pelos salões, que a casa não desabarará com o seu peso.

Se, porém, não enganaram o homem, e elle sabia que aquillo era para supportar o peso de algumas pessoas, então o governo deve cassar-lhe os titulos que por ventura lhe deu e elle deve pedir ao mestre, que o ensinou a fazer gaiolas, o dinheiro que elle lhe pagou para aprender a fazer palacios.

E não é só o edificio do Jury que está rachado. Não, senhores; isto é o paiz das rachas. Rachou-se o reservatorio do Pedregulho e outros, rachou-se o edificio da camara municipal, rachou-se o edificio do correio e da caixa de amortização, rachou-se o edificio da typographia nacional, rachou-se o do lazareto da Ilha Grande; rachou-se tudo!

Inepcia, desidia, desmazello, incuria!

Do *reporter* que, por minha conta, mandei acompanhar SS. MM. na excursão a S. Paulo, recebi os seguintes telegrammas:

S. Paulo, 19, ás 6 1/4.

« Chegámos 5 horas, Imperador não podendo vir pé correu dentro wagon lado para outro toda viagem. Não cansado.»

Idem, 19, 7 horas.

« Visitámos typographia *Mercantil*. Imperador abraçou Gaspar e Léo, festa p'ra festa, ora muito bem, esses ossos. Alegria pandega cerveja.»

Idem, 20, 5 da manhan.

« Imperador encontrou Americo Campos, pediu manta museu Nacional, Sertorio protestou. Conflictio *Provincia e Popular* Pestana furioso. Navarro *Monitor* Virginia Sarah Bernhardt penna de ouro mostrou Imperador.»

Idem 21, 8 da noite.

« Espectaculo hoje S. José não houve companhia. Orchestra só, hymno Araúna. Discursos Tres Rios Rodovalho grammatica diabo. Ardor monarchia fogo! Imperador: já sei.»

Idem 22, 4 da tarde.

« Fomos Ipiranga, monumento não racha. Imperador imitação Papae grita independencia morte. Hymno verde amarello jubilo *parasita* tableau!»

No proximo numero publicarei os mais que for recebendo durante a semana.

FILINDAL

Um crime chama por outro.

PADRE SENNA FREITAS.

POLITICA E POLITICOS

Em raras occasiões tem-se dado em nossa vida politica uma escolha senatorial que se preste a tão variados commentarios como a que recahiu sobre o Sr. conselheiro Candido de Oliveira. O facto não podia passar despercebido ao illustrado escriptor das *Cousas Politicas da Gazeta de Noticias*, e não passou; mas parece que, não attendendo a alguns elementos que se accumulavam em torno da occurrencia, aquelle criterioso artigo considerou apenas uma face da questão, tirando uma conclusão absolutamente logica quanto ás suas premissas; conclusão que pode ser a verdade, mas que tambem pode não ser.

Para o illustrado e distinctissimo jornalista a escolha senatorial foi uma transacção, em que de um lado o grande eleitor impunha a passagem do projecto abolindo a pena de açoites, e de outro o presidente do Conselho impunha a não acceitação do primeiro votado na lista, e que era o mesmo que, em 1871; num impeto fogoso de deputado novo, abalava o paiz com uma denuncia gravissima contra o mesmo homem que hoje preside ao Conselho de ministros.

Que a idéa da abolição da pena de açoites não podia pertencer ao actual ministerio, cuja feição é accentuadamente escravocrata, não ha a menor duvida; vejamos, porém, se para acceitá-la e fazer passar rapidamente nas camaras, tinha o Sr. presidente do Conselho necessidade de pedir a não escolha do Sr. Cesario Alvim.

Em primeiro lugar é preciso confessar que o illustre deputado mineiro já não é hoje o mesmo homem de 1871. Com a idade vem a experiencia, e a experiencia politica neste paiz embota muitos sentimentos, acalma muitas impetuosidades, modifica muitas naturezas. O Sr. Cesario Alvim entrou para a Camara com um prestigio que nenhum deputado teve; a sua eleição liquida esteve longos mezes na pasta da commissão de inquerito, e esta demora fazia perante o publico o effeito de ser o Governo um doente que adia a mais possivel a applicação cirurgica a que forçosamente se tinha de sujeitar. Tanto isto estava na consciencia de todos, que o Sr. Carlos Peixoto, poucos dias antes de ser S. Ex. reconhecido, disse em discurso na camara mais ou menos isto: «Estou certo que o Sr. Cesario Alvim já não é o mesmo partidario exaltado; não ha razões para a prevenção, etc.»

Quando S. Ex. foi reconhecido, a primeira vez que falou, um fremito de curiosidade percorreu todo o auditorio, e as pessoas presentes fizeram religioso silencio. O que foi a palavra de S. Ex. nessa occasião? Não precisamos dizelo; mas, mais do que o publico, devia o Governo ter ficado satisfeito com ella.

De então em diante quasi que passaram despercebidos os seus discursos. Como opposicionista, o Sr. Cesario Alvim foi muitissimo menos do que o Sr. Candido de Oliveira, do que o Sr. Affonso Celso Junior, do que o Sr. Affonso Penna. Na discussão das medidas financeiras, S. Ex. foi batido com facilidade pelo Sr. Belisario; S. Ex. não lançou mão do recurso parlamentar da interpellação, para enfrentar com o Sr. presidente do Conselho, o que era naturalmente esperado; S. Ex. levou a sua cordura de opposicionista ao ponto de propôr impostos; e na discussão da lei de terras, quando a opposição resolveu não falar mais, á vista de um encerramento que considerava acintoso, S. Ex. falou ainda, quebrando a

unidade de vistas da pequena representação liberal.

De modo que a posição de S. Ex. na Camara, se não foi *cordata* como a do Sr. Lourenço de Albuquerque, pouco faltou para o ser. E nestas condições a escolha de S. Ex. podia de algum modo affectar o Sr. presidente do Conselho? De certo que não. A prova d'isto está no unanime consenso publico admittindo que S. Ex. seria o escolhido, esquecendo-se, o publico, da presença do Sr. Cotegipe no ministerio, como o Sr. Cesario Alvim se esquecera do prestigio que rodeava o seu nome e d'aquelles factos de annos passados.

Nestas condições o grande eleitor, pondo pela terceira vez á margem o nome do Sr. Cesario Alvim — e nas duas vezes anteriores o Sr. Cotegipe não era presidente do Conselho — fez ao Sr. presidente do Conselho a cousa mais desagradavel que se podia fazer a S. Ex. E de facto, depois d'aquellas occurrencias, o que aconteceu ao Sr. Cotegipe? Foi presidente do Senado, foi provedor da Misericordia, recusou o Conselho de Estado e é presidente do Conselho de ministros. Teve o Sr. Cesario Alvim quatro mezes como adversario politico, e de S. Ex. nada ouviu. O publico, como já dissemos, attendendo principalmente á posição do Sr. Cesario Alvim, julgava-o por força o escolhido; não porque S. Ex. forçasse o seu character mirando a senatoria, cousa que nem o publico nem nós acreditamos — mas porque parecia que S. Ex. adaptára á sua natureza a experiencia, que não é vicio de um, mas que é apanagio de todos os nossos homens publicos, e que leva ao Senado, á bemaventurança onde não se faz politica.

O grande eleitor, porém, deixando de escolher o Sr. Cesario Alvim, provoca a continuação das murmurações do povo. O povo acredita que o Sr. Barão de Cotegipe, como bom pontifice da sua escola, não fez questão da escolha senatorial; mas acredita tambem que o imperador, sem a menor suggestão, não quiz escolher aquelle candidato para dar ao Sr. Cotegipe uma prova da estima em que o tem.

Esta estima é que se parece muito com os cuidados do urso: ao Sr. Cotegipe nada pode ser mais desagradavel do que dizer-se que o imperador não escolheu o Sr. Cesario Alvim «para ser-lhe agradavel,» visto que isto é a sancção monarchica ás murmurações do povo.

Excluindo assim este candidato, vamos ver quaes as razões que S. M. teve para fazer a escolha que fez. E' bom não esquecer a incidencia da questão militar, questão que naturalmente influíu no animo do imperador, porque o imperador se alguma cousa teme e respeita, é o exercito.

Sua magestade tinha deante de si dois nomes: os dos Srs. conselheiros Candido de Oliveira e Carlos Affonso. Aquelle, nos ultimos dias de sessão, prestou seu apoio aos actos do ministro da guerra, e exigiu de S. Ex. que fizesse manter a disciplina do exercito. Foi S. Ex. ainda o auctor do aviso que mais restringia a liberdade dos officiaes, aviso cuja execução provocou os protestos dos militares. Ambos tinham sido ministros da guerra; mas havia uma differença: O Sr. Candido de Oliveira expediu avisos e sahiu do ministerio contando numerosos amigos nas diversas classes do exercito; e o Sr. Carlos Affonso com a questão Frias Villar tornou-se alvo de muitas antipathias entre os militares.

Demais o Sr. Candido de Oliveira não fez barulho, e o Sr. Carlos Affonso fez; e nestas coisas o imperador gosta muito do silencio. A publicidade é por elle

apreciada em casos especiaes só quando ella lhe presta para contar cousas de que sua magestade não pôde dizer já sei.

Ainda uma outra circumstancia poderosa. O ministerio Dantas, bem ou mal, fez ruido na Europa. O seu projecto, que era uma insignificancia perto d'este que acaba de passar, teve uma grande vantagem com as *tramoias* que não permittiram a sua discussão: tomou as proporções das cousas intangiveis, ficou apenas accentuada a sua principal medida, que era a boa, e todos os defeitos que por ventura tinha, foram olvidados, porque não foram discutidos. Mas o facto é que este projecto correu a imprensa européa, e o ministerio que o apresentou foi sempre considerado «o ministerio abolicionista.»

Sua Magestade gosta de armar ao effeito; e havemos de convir que ha de ser de muito boa impressão a successão d'estes telegrammas passados para o Estrangeiro: «Por influencia directa do imperador do Brazil, foi abolida a pena de açoites» e «Sua Magestade o imperador acaba de escolher senador por Minas o Sr. Candido de Oliveira, que fez parte do ministerio abolicionista.»

Agora se assim se passaram as cousas, como é que um ministerio retrogrado acceitou um projecto tão adeantado? Em primeiro lugar, Deus é Todo Poderoso: o que elle quer é o que se faz. O Sr. Cotegipe tem sido tudo, mas os seus collegas ainda têm muitos degraus a galgar. Ha uma lista senatorial com um nome de ministro. Ha senadores que querem ser presidentes de Conselho, e ha deputados que querem ser senadores. Nisto não vae dezar algum aos honrados cavalheiros ministros; é a regra geral da nossa politica. E como para todas essas ambições a vontade do Senhor é imprescindivel, repitamos com o versiculo da Biblia: — Adoremos o Senhor, e o obedecemos; porque elle é a sabedoria.

TO'B.

CARTA A EMYGDIO MONTEIRO

SOBRE

"A Velhice do Padre Eterno"

Ha muito tempo, meu caro confrade, que eu tenho para com Guerra Junqueiro e os leitores d'*A Semana* uma divida a pagar: escrever d'*A Velhice do Padre Eterno*.

O titulo da divida com aquelle foi o me haver honrado com o offerecimento de um exemplar, que uma dedicatória do seu punho tornou para mim de valia inestimavel; para com este foi a minha obrigação de jornalista e critico. Razões varias, d'entre as quaes sobrelevava de importancia o justificado receio de dizer em publico acerca do valor litterario e philosophico de obra tão annunciada, tão esperada, tão discutida e tão grande, nas qualidades como nos defeitos. Mas o seu criterioso e brilhante estudo, meu estimado collaborador, veio fornecer-me ensejo para de uma só pennada cumprir tres deveres, como quem de uma só paulada estendesse mortos tres coelhos: — agradecer a Junqueiro a honra e o prazer da sua offerta, significar a V. o alto apreço e a viva sympathia em que tenho o seu talento de escriptor e as suas qualidades de cavalheiro e camarada, e desempenhar-me para com o publico d'*A Semana* do compromisso de lhe dizer o que penso da ultima obra

do seu predilecto poeta. Farei tudo isso em mui poucas palavras.

Estou de harmonia com V.— completamente ou quasi, — n) que escreveu d'A *Velhice do Padre Eterno*.

Tenho observado a respeito d'esta obra este facto pouco vulgar—um quasi completo accordo de opiniões entre os criticos que a têm julgado: — Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Mariano Pina, Teixeira Bastos, C. Castello Branco e V. têm sido todos contestes em afirmar a fraqueza philosophica do poema. Teixeira Bastos, que — injustamente, mas por obedecer ás suas doutrinas philosophicas—colloca Anthero do Quental e Theophilo Braga, e talvez Gomes Leal, acima de Junqueiro, diz que: — «A *Velhice do Padre Eterno* não é um livro para ficar, para o futuro, é uma obra de propaganda revolucionaria, anti-clerical, que tira todo o seu valor da oportunidade com que veiu á luz.» E' isso mesmo.

Pinheiro Chagas mostrou com espirito e sensatez que Junqueiro, no final das contas, é um pacato e respeitoso crente de Deus, da immortalidade da alma, do inferno (a «jaula de ferro para a alma de Locusta») do céu (o «relicario de ouro para a de Platão»), da vida eterna... (*Amen!*)

C. Castello Branco prova com citações d'A *Velhice* que Junqueiro é «um *atheu* que crê em Deus e na immortalidade da alma, na benaventurança para os bons e nas penas eternas para os máos, que pede a Deus a sua divina compaixão para os que padecem e para os que delinquiram; um *atheu*, finalmente, que recorre do fundo da sua alma a Deus pedindo-lhe vida para concluir a sua obra»; em summa um *atheu* como Voltaire, que mandou crigir uma igreja com a seguinte inscripção: «A Deus consagrou Voltaire» *Deo erexit Voltaire*.

O que elle não quer, o que elle não admite, o que elle combate com 50 balas, é o Vaticano, o Papa, a padraria, o confessorario, as confissões, os milagres; toda a sucia de Roma, emfim.

O livro de Junqueiro, disse-o V. muito bem, «não vem fazer nenhuma revolução nas crenças dos seus leitores. Pelo fundo, a obra nova do grande poeta não vale nada. E de certo que, se a sua propaganda tivesse algum effeito, seria contra-producente. As folhas catholicas é que podem tirar d'ella um grande partido: é excellente para ellas avigorrarem as crenças dos que ainda as têm e para lhes despertar o odio contra o espirito moderno.»

Onde elle é verdadeiramente original, immensamente novo, innegavelmente *unico*, é na *maneira*, no *estilo*. Aquella satyra nunca a fez Juvenal, nem Aristophanes, nem Barbier, nem Hugo, nem Richépin, nem Guilherme Braga. A satyra de Junqueiro é só d'elle; de ninguém mais.

A gargalhada de Junqueiro, — abalando os muros da Igreja como as trompas do exercito de David abalaram os muros de Jerichó — tem a altisonancia tragica de Shakespeare e o assobio implacavel de Gavroche; é a voz severa e potente de Victor Hugo, estridulando com as casquinadas de Aretino. Junqueiro é Voltaire arremangado, dedos na bocca, assobiando á thiara, ás batinas e aos solidéus.

Tem a pilheria tragica; é o Eschylo da trôga. Hamleto rufando com os tibias de Iorick na pança congesta de Tartufo. E' o Offenbach da Poesia. Que é A *Velhice do Padre Eterno*? A *Legende des Siècles*? Não: — a *Gran'Duchesse*... do Catholicismo. Só conheço um escriptor igual a Junqueiro, mas em prosa: — Camillo Castello Branco.

Ha em certos trechos da *Velhice* uma

condensação formidavel de bom humor e de bom senso; ha alexandrinos que estrallem com a abaladora força das gargalhadas de todo um magôte de garotos de aldeia vaiando um extemporaneo e antiquado chapéu alto. A *Velhice* é o riso de Rabelais ao serviço da indignação de Barbier.

E' isso o que faz a originalidade de Junqueiro e o raro valor da sua obra. A *Circular*, por exemplo, é uma cousa inimitavel, de uma excepcional intensidade de ironia, de uma inaudita originalidade. Só isto: *Deus & Filho*! Só isto vale por dez volumes de logica anticatholica, espessa, syllogistica, demolidora. Que endemoninhado bom humor e que dynamitica ironia não ha nisto:

« Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho

« E em garrafa. Exigira mais *Deus & Filho* »
« Na etiqueta, e na rolha, a fogo—Providencia »

Só conheço, em prosa, um trabalho que possúa essa força de critica, esse poder de graça: as *Farpas*.

A *Circular* é uma delicia; a gente lê-a e consola-se de quantos infortunios tenha tido ou venha a ter.

« A *Circular*, — escreve nos *Serões de S. Miguel de Seide* o insuspeito Camillo — tem uma espontaneidade humoristica, genial e preeminente, que não pode ser confrontada: porque é unica, estreme e tecida de irrisorios elementos da vida moderna. »

No genero da *Circular* ha *A vinha do Senhor*, *Calembour*, *Ladainha*, *A agua de Lourdes*, *A sêsta do senhor abbade*... que V., como eu, ha de ter saboreado com intenso prazer.

Mas de todo o livro a peça capital, a que reputo de immensa valia, a composição mais forte, mais original, mais completa, mais brilhante, mais profunda de Junqueiro é exactamente uma de que V. — com certeza por esquecimento — não fez menção: *A valla commum*.

Tem cousas de mais; exageros, escabrosidades, impudencias de linguagem, idéias enojantes, excrecencias lastimaveis, que é forçoso admittir, pois são as manchas d'esse radiantissimo sol. Mas que versos, meu amigo! que originalidade prodigiôsa! que ironia feroz! que vigor de golpes! que graça! que inspiração! que audacia! que grandeza! Que poema! Nada conheço em poesia portugueza que, mesmo de longe, se pareça com isto:

« Valla commum — tasca nojenta,
« Me-a redonda sepulchral,
« Aonde a toalha crapulenta
« E' um lençol roto do hospital,

« E aonde as larvas proletarias
« Devoram — lugubres festins! —
« Craneos de heroes, ventres de párias,
« Carcassas podres de arlequins,

« Ao contemplar-te, ó libertina,
« Um nojo immenso me accomette:
« Tens a avidez de Messalina
« Na bocca negra de Machbet! »

Que felicidade estupenda a d'estas quadras, na idéia como na forma:

« As guilhotinas homicidas
« Pelo carrasco, o fiel criado,
« Mandam-te o *lunch* ás escondidas,
« No seu *panier* ensanguentado. »

« Deus, que te fez sempre esfaimada,
« Deu-te tambem, pança gigante,
« Por cosinheiro Torquemada
« E Bonaparte por marchante. »

« E's magro e funebre molosso
« Ha milhões d'annos sempre a uivar:
« O' Guerra, traz-me o meu almoço!
« O' Peste, traz-me o meu jantar! »

« Em lagos rutilos de estanho,
« Bramindo pragas em latim,
« Milhões de herages tomam banho...
« Olhae que espiga um banho assim! »

« Estes, frigidios em certans,
« Dentro do azeite que extravasa;
« Outros, perneando como rans,
« Na empalação d'um raio em braza. »

Longe iria eu se pudesse transcrever tudo quanto ha de bello e de grande nesta extraordinaria composição. Um assombro!

O que vale como lyrico o formidando poeta satyrico que de relance acabamos de ver, dil-o a primeira peça do livro: *Aos simples*. Traslado para aqui as poucas linhas com que a anotei, no meu volume: « E' admiravel esta poesia. Só ella bastaria para dar idéia do valor de Junqueiro como poeta lyrico. O seu lyrismo é puro, calmo, delicado, perfumoso, simples e commovente como a commovente simpleza d'essas boas almas ignorantes a que se dirige o poeta. E' uma magnifica peça de abertura este trecho de lyrisimo virginal a este rispido livro de satyra violenta. Tem, comtudo, alguns defeitos de composição e muitos de forma. »

Outra peça admiravel de graça, de naturalidade, de pittoresco, de sentimento dramatico — *O melro*.

Para ser um livro de excepcional merecimento não precisava *A Velhice* de ter mais nada além de *Aos simples*, *A valla commum* e *O melro*.

... Oh! diabo! lá me vou eu alongando, a inundar *A Semana* e a aborrecer o meu amigo com as semsaborias d'esta carta.

Concluo; e concluo com duas palavras suas: *Guerra Junqueiro*, — que, se escrevesse em francez, honraria a poesia franceza, apezar da obra immensa de Victor Hugo, — é na poesia portugueza, como na poesia hodierna de todos os povos, mais do que notavel e extraordinario — «ó unico.»

Oitubro—1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

ANACREONTE

A VALENTIM MAGALHÃES

Anacreonte parte para Athenas...

PLATÃO.

Mar jonio em fóra, á pópa da galera,
Medita o velho dos festins sagrados,
Entre velas de purpura, e dourados
Mastros, brilhando a um sol de primavera.

O manto ás auras solto, a barba austera
E os cabellos de essencias perfumados,
Leva uma eburnea lyra, — os seus cuidados—
Suspensa ao peito, e á mão um thyrsos de hera.

Rumo de Athenas leva. O mar frisando
Vae a galera, com festões virentes,
Emquanto, n'agua os corpos baloiçando,

Brincam Nereidas, a fitar, curiosas,
Anacreonte, á pópa, — as cans luzentes —
Coroados de pampanos e rosas.

WENCESLAU DE QUEIROZ.

(DO « Diario Mercantil »)

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Está publicada a oitava edição do *Manual Mercantil* ou Encyclopedia elementar do Commercio Brasileiro, por Verediano Carvalho. 306 pags. Obra importantissima, indispensavel a quantos precisem de saber ou tractar de cousas relativas a commercio e especialmente á escripturação mercantil.

O facto de haver chegado á oitava edição, aqui, onde as obras raramente passam da primeira, fala mais alto em seu favor do que qualquer elogio nosso.

Elegante e delicadamente impresso em magnifico papel *chamois*, acaba de sair das officinas da casa Moreira Maximino & C. um novo livro (300 paginas) do Dr. Castro Lopes: « *Origens de anexins*, proloquios, *locuções populares, siglas etc.* » (1ª e 2ª serie) compõe-se de 47 artigos, na sua maioria publicados, com grande acceitação e applauso, no *Jornal do commercio* e no *O Paiz*. Abre o livro com prefacio erudito, pelo Sr. Commendador Bellegarde, o indefesso e numerosissimo subsidiario das nossas Lettras.

Tudo concorre para que dentro em pouco tempo se esgote a primeira edição das *Origens de anexins*.

Está no prelo da casa Castro Silva & C. um livro do Sr. Alfredo Camarate, redactor do *Jornal do Commercio*. O livro, que será feito numa edição elegante e primorosa, constará de artigos e folhetins sobre varios assumptos; tem um titulo original, chama-se: — *Et cetera*.

Tambem entrou nesta semana para os prelos da importante casa Moreira Maximino & C. o livro de versos do nosso companheiro Filinto d'Almeida.

Não terá o titulo de *Aquarellas*, como estava annunciado: chama-se á simplesmente: — *Lyrice*.

V. M.

No proximo numero publicaremos um magnifico artigo intitulado *Machado de Assis* (Notas e commentos a um seu admirador.) E' seu auctor um antigo e apreciadissimo collaborador d'*A Semana*, que, d'esta vez, occultou-se modestamente no pseudonymo de *Abel d'Alba*.

JORNAL E REVISTAS

No dia 16 entrou a *Gazeta do Povo*, folha que se publica na capital de S. Paulo, no seu oitavo anno de existencia.

Nascida de um modesto grupo de typographos, a *Gazeta do Povo* tem conquistado pouco a pouco, á custa dos esforços do seu proprietario, o Sr. J. da Veiga Cabral, a honrosa posição que hoje tem no jornalismo da florescente provincia.

Cumprimentamos cordialmente o seu proprietario e redactor.

A *Provincia de S. Paulo*, a exemplo do *Diario Mercantil*, excellente folha da mesma cidade, organisou um magnifico serviço de telegrammas da Corte. Concisos mas relatando todos os acontecimentos do dia, os telegrammas da *Pro-*

vincia deixam ver que são feitos por mão habil e bem informada.

E' um demonio — o *Diario Mercantil*: cada vez a melhor, mais inventivo, mais interessante, mais agradável. No seu n. de 19 do corrente publicou uma grande e bella poesia inédita de Anthero do Quental *A Fada negra* e no de 20 iniciou a publicação d'*A tenda do mestre Lucas*, romance original do illustrado e rijo escriptor padre Senna Freitas.

S.

HYACINTHO

A VALENTIM MAGALHÃES

No escuro peitoril da gothica janella,
Pendida a calva austera, Hyacintho, o monge, scis-
ma...

No seu fulgido olhar a lagryma revela
Que elle em recordações tristissimas se abysma.

Dos corvos a revoadada espalha-se no occaso
De negro pontilhando a purpura da tarde,
E o asceta piedoso, em triste sonho, acaso
Segue os corvos, acaso olha o horizonte que arde.

Os curvados festões das arvores ao vento
Oscillam; surdamente as folhas, como um hymno,
Como um canto remoto, entoam; o convento
Reverbera a explosão do occaso purpurino.

No dobrado burel da cogula sombria
A barba nivea cae, assim como cascata
Muda e clara, em esconsa e negra penedia,
Se despenha no seio intrincado da matta.

O seu mystico aspecto e singular postura
Recordam de um propheta as tradições remotas,
Esperando que Deus faça brilhar na altura
A inspiradora luz das verdades ignotas.

Seu mysterioso olhar, de lagrymas coberto,
Brilha da extranha luz de uma lamina de aço
E revê como em sonho, um vaporoso e incerto
Bando de anjinhos nus atravessando o espaço.

Sonha. Em sonhos lhe corre a vida sileneiosa,
Nada lhe vem toldar a mystica poesia,
E a noite o encontra ainda entregue á mysteriosa
E calma adoração do terminer do dia.

S. Paulo, 1886.

RODRIGO OCTAVIO.

A VIDA ELEGANTE

O Congresso Brasileiro realizou no sabbado a sua partida do corrente mez com uma d'aquellas *soirées* do costume. Já se sabe que nada faltou aos seus socios e convidados, havendo da parte da directoria, composta de amaveis cavalheiros, as maiores attenções para com todos.

Senhoras das mais distinctas e elegantes da nossa sociedade enchem os vastos e floridos salões, onde succediam-se as polkas, walsas e quadrilhas.

As danças foram precedidas de um magnifico e bem executado concerto em que tomaram parte as Exmas. Sras. DD. Corina Valeriano, Zulmira Seixas, Maria Avila, Emma e Carlota Kunhardt, Georgeana de Brito e os Srs. Alberto Motta, Oscar Feital e Carlindo Valeriano.

Só quando a aurora com os seus bem conhecidos dedos cor de rosa abria as portas etc. e tal, terminou a bellissima festa do Congresso Brasileiro, cuja directoria nos obsequiou com um convite que agradecemos.

LORGNON.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Continúa o successo da *Martyr*, mas não tão grande quanto devia ser, pois ha muito tempo não viamos em theatro nosso, por companhia cá da terra, uma peça tão boa, com desempenho tão equal e tão brilhante e posta em scena com tanto luxo, cuidado e bom gosto. Era peça para enriquecer a empreza se o publico não estivesse cansado e, sobretudo, exausto pecuniariamente, sugado como foi por tantas companhias estrangeiras.

Mesmo assim, a *Martyr* promette dar ajuda muitas e gordas receitas á empreza. O trabalho primoroso e perfeito de Ismenia recebe todas as noites os merecidos applausos, de que justamente partilham Eugenio, Dias Braga, Maia, Domingos Braga, Castro, Leolinda, Helena, Clementina e os demais artistas.

LUCINDA

Chegou quarta feira das provincias do norte a companhia Furtado Coelho, e estreitou-se quinta feira com o *Demi-monde*; hontem representou *O Leão Branco*, bella comedia de E. Blasco, na qual Lucinda tem uma das suas mais notaveis creações.

Agora sim; está exuberantemente provado que Lucinda Furtado Coelho é a primeira actriz portugueza da actualidade. A Sra. Virginia parece que não veio ao Brazil para outra coisa!

Emfim, foi bem bom que ella viesse: agora só os beocios se atreverão a fazer comparações temerarias.

Hoje representa-se a *Fedora*

RECREIO

No dia 27 faz beneficio o velho actor Paiva, com um espectáculo variado.

O Paiva, que já tão importante logar occupou no nosso theatro, é ainda um actor de merecimento e um cavalheiro de raras qualidades moraes, que o publico deve proteger concorrendo á sua festa artistica.

SANT'ANNA

O *Heróe á força* continúa a agradar muito. As honras do desempenho cabem inquestionavelmente a Vasques e Mlle. Rosa Villiot. Aquelle, faz todo o papel com muita graça e louvavel comediamento, tendo scenas magistraes como, por exemplo, a do mappa. Villiot realizou este prodigio artistico: tomou conta do papel (que, por motivo de molestia, não poudo ser feito pela sua primitiva destinataria a Sra. Cinira Pollonio), estudou-o em tres dias—musica e poema—e desempenhou-o, mas desempenhou-o esplendidamente, como se o houvéra estudado tres mezes: sem um *caroço*, com extrema gentileza, naturalidade e intelligencia. Pinto deu-nos um soberbo, um impagavel *Pantaleão de Aragão*. *Vomita-pragas*, foisoberbamente representado pelo sempre rijo e joven Aréas.

Os demais artistas e córos concorreram valentemente para o exito que vae alcançando a peça.

A proposito do *Heróe* aqui vae uma veridica e interessante anecdota: Em uma das primeiras representações, foi ao palco um sujeito e cumprimentou vivamente o Heller pela fidelidade com que foi reproduzida a paisagem do Jaboação, accrescentando:

— E' perfeita! Lá está a cascata, o rio, os coqueiros, a serra... Por que photographia foi reproduzida?

O Heller sorriu e... e disse que quem sabia d'aquillo era o scenographo. E' que a tal scena do *Jaboatão* era simplesmente uma da *Corça do bosque*, inteiramente imaginaria, por signal que ainda se vê no panno a abertura pela qual apparece, a seu tempo, a fada Furibunda.

Lê-se na chronica theatral do ultimo n. d'A *Vida Moderna*:

«Se a actriz Virginia é a Sarah Bernhardt portugueza, como quer o *Monitor*, de S. Paulo, a actriz Ismenia é a Ristori brazileira.»

Apoiadissimo, collega!

Tivemos o prazer de ver que foi muito apreciado o nosso artigo do numero 93 sobre a companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa.

Entre as felicitações verbaes e escriptas que recebemos avultam duas cartas, uma do Sr. Dr. A. C. F., extraordinariamente lisongeira, e outra do Sr. F. M. o qual, felicitando-nos pela justeza do nosso estudo em geral nos diz que, entretanto, poderiamos ter sido mais benevolos com os excellentes artistas da companhia portugueza.

Responderemos ao Sr. M. que os artistas do theatro D. Maria não precisam de benevolencia. O seu merito salvaguarda os da necessidade de protecção. Além do que, — podemos affirmar-lhe altamente, — ninguem mais do que nós elogiou no Brazil os artistas João e Augusto Rosa, os que naquella companhia têm verdadeiro merito. Não accetámos a actriz Virginia como primeira actriz portugueza, porque de facto o não é, pelo menos emquanto existir Lucinda Simões, que tem um talento muitissimo superior ao de Virginia — concedendo que Virginia tenha talento, o que, francamente, negamos e negamos ainda.

Bem feitas ou mal feitas, podemos affirmar que nenhum jornal do Brazil fez criticas estudadas e escrupulosas como as d'A *Semana*.

Aconselhamos ao Sr. M. que releia o nosso artigo e verificará que não ha nelle nenhuma aspereza nem nenhuma malquerença contra qualquer dos artistas.

Nos *apedidos* da *Gazeta* tem apparecido uns artiguetes que, com o mesmo pretexto, nos injuriam, e outros que nos defendem e justificam, mas tão mal alinhavados uns como outros. Em um d'elles pretende-se intrigar-nos com a briosa colonia portugueza d'esta capital.

Está claro que não nos defendemos d'essas insensatas e calumniosas accusações. Quando nos referimos a frequentadores do Recreio que achavam sublime a actriz Virginia, é obvio que nos não referiamos aos espectadores em geral — que nem todos a achavam actriz espantosa — mas unicamente áquelles que nos finaes dos actos lhe pediam bis, pois são esses os admiradores incondicionaes, sujeitos que confundem um final dramatico de peça de Dumas com um *rondó* de Offenback ou de Lecocq.

Não podemos, pois, por havermos registrado um facto que milhares de pessoas presenciaram, ser accusados de offender a distiucta colonia portugueza da cõrte.

Se ha folha que não possa ser suspeita áquella digna colonia, é, sem duvida, A *Semana*.

Mais uma vez repetimos: Nenhum jornal do Brazil elogiou mais rectamente do que nós os artistas que no grupo do

theatro D. Maria são dignos de elogios.

Só o que evitámos foi fazer mais uma vez rir o publico á custa da Sra. Virginia, não lhe chamando — Sarah Bernhardt portugueza; mesmo porque, como a Sarah prometeu voltar aqui, nós não queremos fornecer-lhe mais um elemento de *réclame*: o demonio da mulher era capaz de annunciar-se — a Virginia da Silva franceza.

P. TALMA.

A musica é o mais caro de todos os ruidos.

T. GAUTIER.

PARNAZO ALEGRE

DOROTHÉA

Eu amar-te? oh! pois não! essa é boa!...

Nem a ti, nem mulher de Pariz,
De Inglaterra, de Braga ou de Góia;
Tenho um gosto melhor, mais feliz!

A moçoila, que é minha sultana,
Stá d'aqui retirada uma legua...
So p'ra vel-a, uma vez por semana
Me escarrancho no lombo da egua.

Mas não pensem que a Diva é d'aquellas
Que usam fôtos, *plissés*, casacão;
Traz as formas, rotundas e bellas,
Sob roupas de puro algodão.

E prepara *quibêes*, guisados;
Faz das almas amantes — petecas!
Quando cae num *batúque*, oh! peccados!...
Pula mais do que tres parerêcas!

O casebre da tal mocetona
E' coberto de fulvo sapé;
Quando brinca commigo, a Madona
Me belisca e me chama — *Mané*. —

Diz-me, ás vezes, num tom que enternece
E mais doce que um golle de matte:
— Como bate o seu peito! Parece
« Pirolito que bate, que bate... » —

E' capaz de matar jararacas!
Pisa forte, mais que um general!...
O seu chale de cinco patacas,
Faz o effeito de um manto real!

Uma tarde, cheguei (bem me lembro)
A' janella e encontrei-a já nella.
D'este dia (isto foi em Setembro),
Amo ella e hei de sempre amar elle.

Com seus dedos de mão de rainha,
E' famosa p'ra dar cafunés!
Seus tamancos, quando ella caminha,
Batem: — *téco! pé-téco!* nos pés.

Já eu disse-lhe: « Uns versos, na Cõrte,
Eu, com arte e rimados em *irte*,
Hei de cinco ou talvez *dez compor-te*;
Hei de amai-te, querer-te, servir-te. »

Cá o *bibi* não adora a Cocóta;
Não é Combo o seu doce *ai!* *Jesus!*
Nem Milunga, nem Chica, nem Lóta
— Essa estrella que luz em Queluz. —

Quem eu amo está muito distante:
Para lá do Riacho dos Bagres.
Tem um nome *supimpa*, elegante:
— Dorothea dos Santos Milagres. —

MANOEL DA HORTA

SPORT

Eis o resultado das ultimas corridas no Jockey-Club:

No 1º pareo (1450 metros) *Araby*, com alguma facilidade, em 97 segundos, bateu os seus competidores. *Odalisca*, que sahiu bastante atrazada, chegou em 2º. *Orpheu* em 3º. Dos animaes inscriptos só não correu *Aurelia*.

No 2º pareo (1609 metros) *Cheapside*, em 107 segundos, sahiu victoriosa. *Curubaid* em 2º. *Fanfaron* em 3º. e *Speciosa* em 4º. *Pery* ficou na partida. *Gazida* e *Exibitor* não correram.

No 3º pareo (1450 metros) *Dandy*, em 100 segundos, venceu a *Galgo*, que nos pareceu mal preparado. *Pip* chegou em 3º. *Monitor* não correu.

No 4º pareo (1609 metros) havendo diversas sahidas falsas, provocadas pelos jockeys, em uma d'ellas partiram *Diva* e *Bayocco* e disputaram a corrida, vencendo o 1º. em 111 segundos, o que foi declarado sem effeito por não ter sido confirmada a partida.

Correram novamente *Boyardo*, que em 109 segundos venceu *Regina*, que chegou em 2º. e *Ivon* que chegou em 3º. *Bayocco* em 4º e *Carmen* na bagagem. *Druid* declarou *forfait* na vespera, e *Diva* o proprietario resolveu não a fazer correr novamente.

No 5º pareo (1450 metros) *Echoron* fez brilhante corrida, vencendo os seus competidores em 99 segundos. *Phenicia* em 2º e *Africana* em 3º.

No 6º pareo (1609 metros) *Boreas* venceu facilmente *Talisman* em 109 segundos. *Sans-Souci*, distanciado.

No 7º pareo (1000 metros) venceu *Charybdes* em 64 segundos. *Sylvia II*, que teve má sahida, chegou em 2º. *Cheapside* em 3º e *Speciosa* em 4º. *Satan* ficou na partida. *Peruana* e *Biscaia* não correram.

No 8º pareo (2500 metros) *Plutão*, apesar dos 69 kilos de pezo, venceu em 180 segundos. *Curubaid* chegou em 2º e *Gaudriole* em 3º. *Diva* não correu.

Realisa amanhã o Derby Club as suas corridas com um importante programma que necessariamente attrahirá grande concurrencia.

Consulte-se a nossa oitava pagina.

L. M. BASTOS.

COLLABORAÇÃO

ESTRELLAS

A VALENTIM MAGALHÃES

O ceu é turvo e pardacento como a lagoa onde se desmorona a ribanceira de argilla. O Sahara, vasto e nu, de uma aridez extensa. A tarde tomba... e a caravana descança.

A abobada etherea, essa cupola de um noivado eterno, vae-se colorindo de fogo, ora rosado e roxo, ora ennegrecido; sómente a estrella da tarde fulgura, branca como a gotta de orvalho [na petala da bonina.

O beduino arqueja de cansaço; seu peito, porém, bate com violencia; um suspiro rouba-lhe a palavra. Seu espirito embebe-se na lembrança do seu amor. Naquelle deserto de areia sómente a imagem d'ella não o abandona.

A noite chega e o esq̃aço se illumina.

Os outros contam as aventuras de ontem e desfolham os sonhos de outr'ora. Elle, porem, contempla a natureza e queda-se em melancholia. No seu coração surge a saudade e pelo azul derrama-se o luar...

No outro dia a caravana caminha. No rosicler do espaço ainda tremeluz a bella estrella da manhã. O caminheiro fita-a com esperança: — pensa na estrella que o espera e esquece por momentos a distancia que os separa.

Assim se passam mezes e mezes: — os dias rompendo com encanto, suavidade e luz, e desaparecendo lentos, tristes e saudosos. O deserto não se acaba; somente Vesper fulgura no céu e o beduino a contempla com extasis no olhar e saudade no coração.

Um Simoun terrível os surprehende á noite, quando os outros dormiam francamente e elle estava junto d'ella — falando da sua interminavel viagem, da saudade de morte, do seu amor ardente, abraçando-a, beijando-a... So-nhava!

No outro dia, quando Vesper surgiu irradiante illuminou com seu pallido reflexo muitos corpos sem vida!

...E o céu tornára-se escuro e pardacento como a lagoa onde se desmorona a ribanceira de argilla.

A. DE A.

EMFIM!

...com a respiração viva me aquecia o rosto...
J de Torres. (Lendas Peninsulares)

Vieste emfim!... Palpitas ao meu lado, Choras commigo de emoção... Vieste emfim! Mas fala... a tua voz celeste Sóa me doce como um threno amado.

Mas não... silencio... Que fulgor reveste O teu olhar! Venha-me d'elle o alarido Som de tua alma: — o labio teu rosado, Que beijos dá-me, como nunca os deste!

Vieste emfim! Ah! Eu comprehendo agora O que é o amor, — esta risoulla aurora, Que enche-me o peito a transbordar! O amor!

Vieste emfim!... Nos braços meus te prendo, Todo o passado vendo em te revendo, Como és formosa! em te revendo, ó flor!

1886

TIMOTHEO DE FARIA

FACTOS E NOTICIAS

E. F. DE CANTAGALLO

No domingo, 17, foi solemnemente inaugurada na villa de Capivary, a estação d'esta estrada de ferro.

A's 7 1/2 da manhã sahio de Sant'Anna de Maruly o comboio, conduzindo o presidente da provincia Dr. Rocha Leão, o ex-presidente Dr. Cesario Alvim, representantes da Imprensa e grande numero de convidados. Em todas as estações havia povo agglomerado para saudar o trem na passagem e em algumas havia philarmonicas que tangiam o hymno.

A's 11 1/2 horas chegou o comboio a Capivary, em cuja estação provisoria o esperava grande numero de moradores do logar, com muitos foguetes e musica.

Na casa da camara da villa foi servido um abundante almoço. Houve muitos brindes e congratulações á digna empresa da estrada de ferro, aos engenheiros, ao Dr. Cesario Alvim, ao Dr. Rocha Leão, á Imprensa, ao qual respondeu, em nome d'esta, brindando ao futuro da E. F. de Cantagallo, o director d'esta folha, e outros ainda a varios cavalheiros presentes.

A's 2 1/4 partio o trem para Sant'Anna e ás 7 1/4 estavam todos os convidados na Côte.

Foi uma festa muito animada, e a população de Capivary deve estar tão satisfeita com o grande melhoramento que ora alcançou, como a empresa da E. F. de Cantagallo com a festa de progresso que proporcionou talvez a mil pessoas que foram até á villa.

ASYLO DOS MENINOS DESVALIDOS

Por Valentim Magalhães foram angariadas na freguezia do Espirito Santo e entregues ao thezoureiro da commissão da Imprensa encarregada de realisar festas para fundação de uma officina typographica no Asylo, as seguintes quantias, subscriptas pelos Exm. Srs.

Barão de Canindé.....	50\$000
J. J. Pereira de Moraes Teixeira	50\$000
Albino Joaquim da Silva.....	20\$000
José Ferreira Machado....	20\$000
Costa Moreira Gonçalves & C.	20\$000
Honorio Pinto de Magalhães...	20\$000

Este ultimo cavalheiro auxiliou muitissimo, com extrema gentileza e dedicação, a aquisição das ditas quantias.

Regressou, ha dias, de Lisboa o conhecido e estimado representante da casa David Corazzi no Brazil — o Sr. José de Mello. Veio ainda mais fero e forte do que foi. Apenas chegou inundou a cidade de mirabolantes réclames d'*Os invisiveis de Lisboa*, grande romance de Jayme Victor e Gervasio Lobato, que desde já recommendamos ao publico.

FALLECIMENTOS

Em S. Paulo falleceu o conhecido e antigo lente de rhetorica Dr. Paulo do Valle, auctor do drama *Caetaninho*.

Falleceu tambem o proecto professor Hilario Ribeiro, a quem muito deve a nossa instrucção publica, pois foi um dos seus mais intelligentes e indefessos propugnadores.

EXAMES DE PREPARATORIOS

Têm razão em suas reclamações os Sr. estudantes de preparatorios. Não é que não sejam acertadas as medidas tomadas pelo Sr. ministro do imperio; o que são é precipitadas, imprevistas, perturbadoras da ordem estabelecida e grandemente prejudiciaes para os estudantes que, não podendo contar com aquella bomba — embora devam sempre contar com isso — ficam no ar, com todos os seus planos de estudos interrompidos, inutilizados.

Fora justo que o novo regulamento só começasse a ter execução de novembro de 1887 em deante.

Vae apparecer um novo jornal diario. Será seu director o conhecido jornalista Dr. Augusto de Castro que ha muitos annos trabalha no *Jornal do Commercio* onde se popularisou com as *Cartas de um caipira*. Consta-nos que será fundado com o capital de 80 contos de réis.

Será publicado á tarde.

O nosso companheiro Arthur Mendes vae publicar proximoamente, com o titulo *Nevoas*, o seu primeiro volume de poesias.

ANNUNCIOS

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta — annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.

João Lopes Chaves.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA EXTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 3ª CORRIDA EXTRAORDINARIA

A REALIZAR-SE

NO DIA 24 DE OUTUBRO DE 1886

A's 12 horas—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animaes do paiz até meio sangue, que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	50 kilos	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
2	Aranha.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Apparecida.....	Zaino.....	4 »	Rio de Jan...	50 »	Ouro e encarnado.....	Mario de Almeida.
4	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Paraná.....	52 »	Grénat e lirio.....	D. A.
5	Caporal.....	Alazão tost...	4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
6	Orpheu.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Preto e branco.....	J. Lemos.
7	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Jan...	50 »	Branco, preto e encarnado.	M. L. de Carvalho.
8	Morena.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	50 »	Verde e ouro.....	J. L. C.
9	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.

A's 1 2 e 3/4 horas—2º pareo—LEMGRUBER—1.450 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz, que não tenham ganho os pareos «Rio de Janeiro» e «Cosmos»—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Gaudriole.....	Castanho....	3 annos	França.....	51 kilos	Encarnado e preto.....	Coud. R. de Janeiro.
2	Madama.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Boreas.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Grénat e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
4	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	55 »	Encarnado, branco e ouro..	Coudelaria Paulista.

A 1 1/2 hora—3º pareo—EXCELCIOR—1.609 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Dandy.....	Vermelho....	3 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Ouro e verde.....	F. Vianna.
2	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	47 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
3	Plutus.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
4	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul branco e grénat.....	S. M.

A's 2 1/4 horas—4º pareo—DR, FRONTIN—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz que não tenham ganho o pareo «Derby-Club»—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

1	Ivon.....	Zaino.....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Regina.....	Douradilho..	4 »	S. Paulo.....	52 »	Grénat e manchas azues...	Coudelaria Paraiso.
3	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Diva.....	Idem.....	4 »	Minas Geraes	56 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
5	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	53 »	Branco e bonét encarnado.	Oliv. Junior & Lopes.
6	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	51 »	Azul e branco.....	J. P.
7	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.

A's 3 horas—5º pareo—RIO DE JANEIRO—2.000 metros—inteiros e eguas de quaiquer paiz—Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Peruana.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra....	47 kilos	Encarnado e perola.....	J. Rocha.
2	Catita.....	Castanho....	3 »	Idem.....	47 »	Azul.....	F. Guimarães.
3	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Grénat e bonét ouro.....	Mario de Sousa.
4	Coupon.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado.	Coudelaria Cruzeiro.

A's 3 e 3/4 horas—6º pareo—DERBY-CLUB—1.450 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Sylvia II.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Azul branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro.
2	Eólo.....	Zaino vermel.	4 »	Idem.....	52 »	Idem.....	Idem
3	Pery.....	Castanho.....	6 »	Idem.....	56 »	Branco, preto e encarnado.	Manoel S. Ferreira.
4	Boreas.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Grénat e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
5	Carmen.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.

A's 4 1/2 horas—7º pareo—EXTRA—1.450 metros—Poldros e poldras estrangeiras de 2 annos—Premios 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Phénicia.....	Alazão.....	2 annos	Inglaterra....	45 kilos	Vermelho e mangas azues.	J. S. Junior.
2	Pancy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Cereja, verde e amarello...	V. M.
3	Castellione.....	Idem.....	2 »	França.....	47 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
4	Gabier.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	47 »	Grénat e rosa.....	S. M.
5	Frontin.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Idem e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Echoron.....	Idem.....	2 »	Idem.....	47 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.

A's 5 horas—8º pareo—INITIUM—1.450 metros—Poldros e poldras de 3 annos que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Relampago.....	Tordilho.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Azul, branco e amarello....	Coud. Esperança.
2	Favorita.....	Baio.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Verde e ouro.....	J. L. C.
3	Hippomenes.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Grenat e lirio.....	Mario de Almeida.
4	Argentino.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Onix.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Condor.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
7	Attila.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	49 »	Idem e ouro.....	A. S. S.
8	Pip.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Ouro e rosa.....	B. V.
9	Chapécó.....	Vermelho....	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.